A CONDIÇÃO DA MULHER EM CONFINAMENTO: CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA OCUPAÇÃO DO EDIFÍCIO SEDE DA PETROBRAS DURANTE A GREVE DOS PETROLEIROS

VELLOSO, Mariana Marujo
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
Bolsista UENF
marimvelloso@pq.uenf.br

SILVA, Marinete dos Santos
Professora associada da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
marinetedss@gmail.com

Introdução

Atualmente, em virtude da pandemia do novo coronavírus, muitas famílias habitam o espaço doméstico em tempo integral, de modo que o trabalho doméstico e de cuidados – até então compartilhado com empregadas domésticas, creches e outras prestadoras de serviço de cuidado – é agora centrado unicamente na unidade familiar. Neste contexto, mulheres são sobrecarregadas, na medida em que sobre elas recai com maior intensidade a imposição do trabalho reprodutivo.

Em fevereiro de 2020, a categoria petroleira deflagrou movimento grevista e uma das estratégias de luta foi a ocupação do edifício sede da Petrobrás, na cidade do Rio de Janeiro, por cinco diretores sindicais. A greve durou vinte dias e, entre a/os ocupante/s, havia apenas uma mulher. Esta experiência peculiar de confinamento, anterior à pandemia, é capaz de oferecer ferramentas importantes para a compreensão dos desafios que a pandemia e as superação dos seus efeitos impõem à sociedade, especialmente no que diz respeito à opressão da mulher no seio da divisão sexual do trabalho em tempos de isolamento.

Para a realização da presente pesquisa, foram ouvidos os diretores envolvidos na ocupação a fim de traçar uma análise de como se deu a divisão do trabalho na sala ocupada, a partir da teoria de gênero, com enfoque especial nas teorias acerca da divisão sexual do trabalho e da prática de comuns.

1. Fundamentação teórica

A referência teórico-metodológica adotada para o desenvolvimento da presente pesquisa é a teoria de gênero. Trata-se de uma categoria que põe em questão a construção social das noções tradicionais sobre homens, mulheres e as possibilidades que lhes são franqueadas enquanto tais. Neste ponto, é importante considerar a definição de gênero formulada por Scott (2019, p. 67), que indica que

> o núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.

Por estar inserido no debate acerca da divisão sexual do trabalho, a categoria de gênero é especialmente útil ao presente trabalho, porque "a relação de trabalho é um dos muitos locus das relações de gênero" (SOUZA-LOBO, 1991, p. 11). Assim, a categoria de gênero, tomada na multidimensionalidade que lhe é intrínseca, fornece ao estudo acerca da divisão sexual do trabalho as ferramentas aptas a investigar, além das estruturas, as subjetividades envolvidas no objeto de análise.

No contexto da teoria de gênero, utiliza-se em especial o recorte que se volta às possibilidades de uma economia feminista – que "permite compreender as formas específicas de exploração das mulheres e dos corpos feminizados na sociedade capitalista" (GAGO, 2020, p. 143) –, a partir da qual é ampliado o próprio conceito de economia, de modo que seja inclusa a divisão sexual do trabalho e superada a oposição entre trabalho produtivo e reprodutivo.

Neste sentido, a partir das experiências de economias populares e práticas de comuns, presentes da obra de Gago (2020), que politizam e coletivizam as tarefas reprodutivas em vez de confina-las ao lar, é possível pensar alternativas para a superação dos inúmeros percalços opressivos atualmente experimentados pelas mulheres no contexto de isolamento social em virtude da pandemia do novo coronavírus.

2. Resultados alcançados

A pesquisa foi realizada a partir do trabalho de campo e da análise, com base no arcabouço teórico-metodológico anterior e sucintamente apresentado, dos dados obtidos pela oitiva das pessoas envolvidas na questão social aqui suscitada. Neste sentido, foram

realizadas entrevistas com a diretora e os diretores da Federação Única dos Petroleiros que ocuparam a sala de reuniões no Edifício Sede da Petrobras durante o movimento de greve deflagrado em fevereiro de 2020.

Inicialmente, buscou-se compreender como se deu a preparação para a ocupação então pretendida pela direção da federação. Verificou-se, desta forma, que a expectativa era que a ocupação da sala durasse, no máximo, cerca de sete dias – e não vinte, como de fato ocorreu. Nestes momentos de preparo, a figura da diretora despontou como forte articuladora e organizadora. Todos os relatos deram conta de que ela fez contato com cada um dos demais ocupantes para lembrá-los de levar alimentação e demais artigos necessários para pernoitarem na sala. E, o que é mais relevante para este estudo, a diretora foi de fato a responsável por garantir que os demais diretores lembrassem dos cuidados que deveriam tomar ao se equiparem para a ocupação – antes de sua provocação, um dos diretores, por exemplo, não havia se dado conta de que era importante providenciar cobertores para uso noturno.

O que parecia se configurar como um período de forte sobrecarga para a diretora, entretanto, ao longo da ocupação assumiu diferentes contornos. Tanto o relato da diretora quanto os dos demais ocupantes da sala deram conta de que a ocupação transcorreu de maneira que a divisão de tarefas na sala ocupada se deu de maneira orgânica e equilibrada – a cada um, basicamente, cumpria cuidar de seus pertences de uso pessoal e do espaço onde os deixava. Não se vislumbrou, desta forma, uma divisão do trabalho que colocasse a diretora em prejuízo em relação aos demais diretores, como os preparos iniciais inspiraram prever.

Durante o período da ocupação, embora o confinamento se limitasse a uma única sala de reunião, havia outros dois ambientes de uso rotineiro: um vestiário, utilizado para a higiene pessoal, e uma sala para refeições. A alimentação, por sua vez, considerando a impossibilidade de preparo de comida por parte da/os ocupantes, foi promovida pelos movimentos sociais que prestaram apoio à greve. O grupo da direção que ocupava a sala, portanto, recebia as refeições já prontas, fornecidas pelos coletivos que externamente as preparavam. O vestiário e a sala de refeições, por serem espaços da própria empresa, tinham sua limpeza e manutenção por ela promovidos, de modo que à/aos ocupante/s cumpria apenas o uso pontual.

Esta perspectiva ampliada permite enxergar o modo como a divisão do trabalho,

essencialmente reprodutivo, para os cuidados e a subsistência da/os ocupantes, foi politizada e compartilhada coletivamente. Houve verdadeira rede de apoio externa que desempenhou o trabalho de reprodução e cuidados de que necessitavam a/os ocupante/s.

Apesar de sua curta duração, a experiência de coletivização dos cuidados na ocupação realizada pelas/os petroleiras/os traz importantes contribuições acerca das possibilidades de superação da perspectiva individual para os trabalhos de reprodução. A pandemia do novo coronavírus, ao confinar famílias e, desta forma, sobrecarregar mulheres já historicamente sobrecarregadas, não deixa dúvida de que a pauta dos cuidados desponta como uma das principais em lutas pelo fim da opressão – em suas várias forças: de classe, de gênero e de raça. A partir do aporte teórico que trata das práticas de comuns pela América do Sul, como estratégias de combate à precarização da vida imposta pelas crises econômicas, a pesquisa aponta, então, a coletivização do trabalho reprodutivo como premissa fundamental em torno de uma sociedade que pretenda dar fim à opressão contra as mulheres.

Conclusões

A pesquisa conclui que a coletivização do trabalho reprodutivo, necessário à permanência da/os diretora/es da Federação Única dos Petroleiros na sede da Petrobras, foi fundamental para que a ocupação tenha transcorrido da maneira pacífica e sem sobrecarregar a única diretora presente na sala. A partir disto, assume as possibilidades de superação da opressão da mulher a partir de uma economia feminista e da prática de comuns, como estratégias de superação dos efeitos nefastos da pandemia do novo coronavírus na jornada de trabalho das mulheres.

Referências bibliográficas

FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução*: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

GAGO, Verónica. *A potência feminista ou o desejo de transformar tudo*. São Paulo: Elefante, 2020.

SCOTT, Joan. *Gênero*: uma categoria útil para análise histórica. In: Audre Lorde... [et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, pp. 49-80.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. *O trabalho como linguagem*: o gênero no trabalho. BIB, Rio

de Janeiro, n. 31, pp. 7-16, 1º semestre de 1991.